

O Renegado a António Rodrigues Sampaio

António Duarte Gomes Leal

Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of O Renegado a António Rodrigues Sampaio

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: O Renegado a António Rodrigues Sampaio

Author: António Duarte Gomes Leal

Release date: March 18, 2009 [eBook #28354]
Most recently updated: January 4, 2021

Language: Portuguese

Credits: Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at <https://www.pgdp.net> (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O
RENEGADO A ANTÓNIO RODRIGUES SAMPAIO ***

Nota de editor: Devido à existência de erros tipográficos neste texto, foram tomadas várias decisões quanto à versão final. Em caso de dúvida, a grafia foi mantida de acordo com o original. No final deste livro encontrará a lista de erros corrigidos.

Rita Farinha (Mar. 2009)

O RENEGADO

GOMES LEAL

O

RENEGADO

**A ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO
CARTA AO VELHO PAMPHLETARIO**

SOBRE A PERSEGUIÇÃO DA IMPRENSA

**LISBOA
TYPOGRAPHIA—Largo dos Inglezinhos, 27
1881**

A

MANUEL DE ARRIAGA

Eu bispo d'outra diocese...
GUILHERME BRAGA

«Antonio Rodrigues Sampaio, do meu conselho, par do reino,
presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado

dos negocios do reino. Amigo, eu El-rei vos envio muito saudar como áquelle que amo.

Tendo na mais elevada estima os reconhecidos merecimentos que concorrem na vossa pessoa, e que haveis manifestado no honroso e illustrado desempenho dos mais altos cargos do estado, e em differentes e importantes commissões de interesse publico; e querendo por estes respeitos e pelo subido apreço em que tenho os vossos distinctos e revelantes serviços prestados á dynastia, ás instituições, á causa publica e á liberdade, conferir-vos um testemunho authentico da minha real consideração: hei por bem nomear vos commendador da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito, e elevar-vos conjunctamente á dignidade de gran-cruz da mesma ordem.

O que me pareceu participar-vos para vossa intelligencia e satisfação, e para que possaes desde já usar das respectivas insignias, vos mando esta carta.

Escripta no paço de Cascaes em 28 de setembro de 1881.—El Rei.
—*Antonio José de Barros e Sá.*

Para Antonio Rodrigues Sampaio, do meu conselho, par do reino, presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino».

Já que El-Rei, teu Senhor—contra a sua Mãe cara,
assim te premiou a ensanguentada offensa,
eu, um Juiz tambem—Juiz d'uma outra vara,
contra ti, velho Reu, lavrei esta sentença:

Eis-me em frente de ti, velho urso na caverna—
Eis-me em frente de ti erguendo uma lanterna,
lanterna que accendi na grande escuridão
sobre a plebe açoutada, erguendo a minha mão,
lanterna que accendi n'esta éra ensanguentada,
lanterna que accendi, como em sinistra estrada
por causa dos ladrões perdido viajante.
Eis-me em frente de ti, eis-me de ti deante
cheio d'odio, rancor, com asco, sem respeito,
perguntando-te, ó Velho—Onde está o Direito?
O que fizeste ao Povo, á Consciencia, ao Brio?
Onde está o Pudor, rude ancião sombrio?
Quem és? Quem és? Quem és?... velho cheio de fel.
Onde está ó Cain o teu irmão Abel?

Quem és? Quem és?... Ó gloria, ó nome hoje avitado?
Tu foste a Alma do Povo—hoje és um renegado.
Eu sou a voz do humilde e d'esses maltrapilhos,
d'esses rotos e nus a quem mandaes os filhos
ás palhas da enxovia em vez da luz da escóla.
Eu sou a voz de baixo, eu sou o mar que rolla
toda uma orchestra d'ais, um mundo de lamentos
maior que a voz de Deus, e a voz dos grandes ventos,
Sou a voz que maldiz, o pranto que suspira.
Trago na minha mão a lampada da Ira.

Eu sou esse rebelde herege, extraordinario
que chamo ao biltre um biltre, e a ti um latrinario,
que préguei n'este tempo ás turbas assombradas
a União e o Direito, e fui pelas estradas
como S. Paulo foi na noute de Damasco,
armado do Rancor, cheio do grande asco
contra os Escribas vãos, os sordidos judeus,
sem ver fender-se a terra, ou ver-se abrir os ceus.

Nós hoje—os infieis—não cremos nos milagres.
Não me importa que tu, ó Velho, me consagres
o epitheto brutal de herege ou de maldito.
Eu sou o Pranto e o Odio! Eu sou o Ai e o Grito!

Eu sou a voz da turba extranha e inominada
que uma vez é soluço, outras a gargalhada
que chamam *povileu*, a plebe envilecida,
n'uma éra de sangue, uma éra fratricida
riscada por um sol velho e sanguinolento.
Eu sou o que Marat chamou o Sofrimento.
Sou o que Ezechiél chamou Rebelião.
Eu sou a voz do Pó, eu sou a voz do Chão.
O que alguns chamam Zero, os outros chamam
Charco.
Ando a erguer uma Ponte, e a abrir um grande Arco.

Em nome pois do Povo, o velho e antigo cedro,
sangrento como a cruz, e a quem como S. Pedro
tens renegado sempre, ó sordido traidor,
em nome da sua ira, e em nome do suor
que elle verte a chorar, na Terra, o chão antigo,
que faz córar a rosa e rebentar o trigo,
em nome dos seus mil cuspidos sacrificios
do seu Calyx, da Cruz, da Esponja, dos supplicios,
das suas mãos sem pão, seus filhos no abandono
como um farrapo velho e como um cão sem dono,
em nome da Miseria, em nome da Innocencia
de tudo que ha de humano e grita na Consciencia,
em nome do Direito, em nome d'esta Penna,
escuta a minha voz, a voz que te condemna
Tu foste n'outro tempo um homem justo, um crente,
forte, obscuro, plebeu, filho da santa gente
da plebe que trabalha, e com as mãos possantes
sabe arrancar da terra as eiras e os diamantes,
d'essa raça animal dos grandes infelizes
que são na sociedade assim como [as raizes](#)

que em quanto estão no chão, na solidão, no escuro,
dando a seiva e o vigor ao tronco bem seguro,
vivendo humildes sempre, obscuras, silenciosas
—estão as folhas no ar, altivas, gloriosas,
olhando para o azul sereno das esferas,
todas cheias de flor nas verdes primaveras,
sendo a gloria da leiva, a sombra dos caminhos,
tendo as benções do Sol e os canticos dos ninhos.

Sim, tu foste um plebeu—da raça antiga e rude,
que trabalha no escuro assim como a Virtude.
Sim, tu foste um plebeu—raça obscura e sem luz,
d'onde eu tambem saí, e d'onde vem Jesus.

Mas tu velho sem fé, mordeste-a como um cão.
Atraíçoas-te-a, sim, e riste como Cham
se riu do velho Pae dormindo n'um caminho!
Sê maldito como elle, e seja o teu espinho
o teu espinho eterno, o teu atroz tormento,
ouvir-lhe sempre os ais e as maldições no vento!...
Tu tinhas a teu lado outr'ora os homens fortes
das Alas do Dever, todas as sãs cohortes
dos grandes corações, ferreos, e verdadeiros,
que trabalham na sombra assim como os mineiros,
a lampada na mão augusta da Verdade,
para arrancar do lodo o ouro da Liberdade.
Tu tinhas a teu lado os corações valentes
dos heroicos plebeus, todos fortes e crentes
todos filhos, como eu, da Plebe, nossa mãe!...
Mas tu, Velho sem fé, mas tu plebeu tambem,
que ambicionavas já as pompas gloriosas,
sentiste o asco e o horror d'aquellas mãos callosas
que trabalham por nós noutes, dias inteiros,
na officina, no val, nas minas, nos outeiros,
e quizeste antes ser hoje o leproso Reu,
de que ser como eu sou—simples, leal plebeu.

Vergonha sobre ti que tanto te abaixaste!...
Vergonha sobre ti, Velho, que profanaste
a fronte d'ancião, a auréola sagrada
que seria por nós mais do que idolatrada,
teus louros de escriptor, teu gladio justiceiro,
terrível como Deus, teus louros d'homem puro
para os lançar, ó Velho, ao charco d'um monturo!
Vergonha sobre ti e os teus cabellos brancos!
Vergonha sobre ti que como os saltimbancos
foste lançar teu nome ao vento d'uma feira!
Vergonha sobre ti, que como uma rameira
que vende os seios nus em sordida estalagem
ao cobre do quartel e ao rir da marinhagem,
em quanto a mãe talvez jaz sobre um catre morta,
e o archanjo do Pudor geme e soluça á porta,
foste vender a honra ao ouro d'um senhor.
Vergonha em teus laureis, e sobre ti traidor
que quizeste antes ser rico, ministro, e nobre,
do que ser um *ninguem*—puro, plebeu, e pobre.

Vergonha sobre os vis apostatas da Idea
que negam como Pedro o fez depois da ceia
na noute de Sião, o Ceu e Deus trez vezes!
Vergonha a quem entrega o Povo como as rezes,
que levam a matar, balando, ao matadouro!
Vergonha a quem trocar seu nome pelo ouro,
sua aureola santa e seu brasão de gloria
por um titulo em vida—e um pontapé da Historia!

Vergonha sob vós apostatas rafeiros
que vendeis vosso deus pelos trinta dinheiros
por que Judas vendeu esse de Nazareth!
Vergonha sobre vós, apostatas sem fé
messias sem pudor que andaes pelos caminhos
prégando aos corações, embebedando em vinhos
de gloria e de ideal, e que depois ao Povo
esse sublime Ancião de peito sempre novo,

o rafeiro infeliz de todos os Tiberios,
açoutado de Deus, dos reis e dos imperios,
mas que sempre enxotado—á chuva, ao vento, em
pranto,
leva sempre o seu deus nas dobras do seu manto,
esse banido Ancião de todas as nações
a quem vós atiraes á lucta e ás sedições,
mas que um dia deixaes na beira d'um caminho,
como um cego sem guia, esqualido, sosinho,
n'um nocturno temporal, a errar de porta em porta,
voltando embalde aos ceus sua pupilla morta.

Vergonha sobre vós, ó vendilhões do templo!
Vergonha sobre ti, que eu marco, para exemplo
de todos esses vis messias das viellas,
mais vis do que ladrões, mais vis do que as cadellas,
que vão vender aos reis as suas convicções!...
Quiz pregal-os na cruz, roxeal-os com vergões
do meu chicote em fogo, irado, justiceiro
para que ao vel-os nós, expostos no madeiro
da abjecção, do desdem, da vaia, da chacota
ao escarneio, ao bofetão, á ponta vil da bota
saiba o Povo afinal que é preciso escarrar
no sacerdote infiel que vende o seu Altar.

II

Tu não sabes que gloria é ser [pamphletario](#)!
É ser o vento rijo, o vento extraordinario
que agita as multidões como um canavial,
contra um farrapo regio, a purpura real

contra os Ritos, os Reis, Symbolos e Tradições.
É ser o que protesta, o que ergue os corações
n'um arranque de heroe, á torre do Direito,
é dar qual pellicano, o sangue do seu peito
á Plebe sua mãe, como elle o dá aos filhos.
É ser o que não és. É não trocar os brilhos
d'uma libré real, d'um servo, d'um lacaio,
pelo seu Verbo um gladio, e pela Penna um raio.
É ser o que protesta—o que ergue uma lanterna
na grande escuridão, na escuridão moderna,
contra um rei, um Czar, altivo, omnipotente
a favor do *ninguem*, da Plebe, do innocente.

É ser elle sósinho o Verbo, o gladio, a penna,
a espada que degolla e o grito que condemna.
É ser elle sósinho, altivo rebellado,
o grito do mineiro e o espectro do enforcado
que vem correr d'um leito o cortinado régio.
É ter esse condão, o enorme privilegio
d'erguendo as mãos ao céu, como sagradas palmas,
fazer gritar a espada e levantar as almas!
É ver-se ás vezes só, pobre de terra em terra,
na floresta, no val, nas rochas ou na serra,
á neve, [á chuva](#), aos soes, nas névoas estrangeiras,
nas selvas tropicaes, nas minas, nas geleiras
pela neve polar, no exilio, nas ruinas,
—mas seja na prisão, nos gelos, ou nas minas,
mal soar o seu nome—alevantar-se um peito
e gritar:—Elle é que é a Espada do Direito!

Ser pamphletario é—ser um pharol na noute
ser a pedra angular, Patibulo e Açoute.
É ter todo um vulcão em lava no seu craneo,
toda a Plebe agitar, do seu subterraneo,
como agitou Marat,—ou aguçar a espada
contra os reis, como fez Rousseau na agua furtada.
É estar sempre sósinho, altivo, no seu posto,

quando muitos teem medo, e os mais voltam o rosto
ser chamado um hereje—e as pallidas mulheres
quando veem surgir esses extranhos seres
apertarem ao peito as timidas creanças.
É andar pobre, exausto, humilde como as granças
errante, só, banido, exausto pela terra,
—mas quer seja na paz, ou quer seja na guerra,
quer nos paços reaes, nas praças da Cidade
a sua voz gritar—Alas á Honestidade!

E ser emfim tremendo, austero, altivo, e bom,
frio como é a Lei, frio como Proudhon,
chicotear sem dó os lombos dos Heroes,
vender como Marat, na fome, os seus lençoes,
mas nunca se vender, mas nunca transigir!
É saber odiar, decapitar, punir
e não se rebaixar nunca como um capaxo!
É ser a voz de ferro, é ser a voz de baixo,
que aterra a noute vil d'um seculo maldito.
É ser a voz da Plebe, é ser o grande grito
n'uma éra de luto, infame, ensanguentada
em que a Musa do Amor quebra a Lyra dourada
e morre como outr'ora amando o Raphael.
E ter odio, é ter ira, é ter desprezo e fel
contra uma horda vil de infames sacripantas.
É levantar ao ceu livres espadas santas
todos os campeões das Alas do Rancor.
É gritar, é gritar—«Eu sou o *Odio—Amor*,
«O Odio que tem sêde, a voz do que tem fome,
«a voz d'aquelle infeliz, a quem não dão um nome
«que morre n'uma estrada, ou morre n'uma luta
«sem bençãos e orações—como uma prostituta.
«Sou a voz do *ninguem*, a voz do cannavial
«que soluça, e não quebra ao rijo temporal,
«sou a voz do que chora, a voz do que suspira,
«o que ergue, alta, na mão a lampada da Ira,
«o que chamou a si os *tristes*, exilados

«sob as tendas de Cham, todos os desgraçados
«que vagueiam na terra exhaustos e banidos,
«o que chamou a si todos os oprimidos
«todos que tinham sede assim como Ismael
«e tragavam na treva a sua cinsa e fel!
«Eu não sou como vós uma bexiga cheia
«de colera, de fel, de inveja que guerreia,
«e vem lançar á rua a sua roupa suja!
«Eu não sou como vós um *corvo*, uma coruja
«que me nutra a cevar nos que se vão ao nada!
«Eu chamei junto a mim toda a alma amargurada,
«tudo que é fraco, chão, vergado de trabalho,
«tudo que empunha a enxada ou que maneja o malho,
«tudo que andam vendendo ha muito com as rezes,
«que vivem na abjecção e são chamados *fezes*
«que chamam *povileu*, que chamam a *gentalha*,
«e gritei-lhes—Ávante! É hora da batalha!

Ora este hereje pois, ora este pamphletario,
que assim sabe escarrar no biltre e no sicario,
este homem do Dever, este homem do Direito,
que em vez d'uma grã cruz, traz seu Odio no peito,
que em quanto toda a escoria, em toda a redondeza
dobra e curva o joelho aos thronos e á Realeza,
que em quanto tudo quer ser despota e opulento
elle escolheu ser pobre, o exilio, o isolamento,
que em quanto tudo pensa em Luxo ou nos ruidos,
quiz ser a voz de ferro, a voz dos oprimidos,
que em quanto tudo adula e lisonjeia o Forte,
elle defende o fraco, e expõe o peito á Sorte,
quando uns curvam-se ao Tudo, elle defende o Nada,
faz do Direito açoute, e faz da penna espada,
e diz a um rei, um Czar, um déspota potente
—Senhor, vós sois o cedro olympico, inclemente
o vendaval da Terra, a sombra dos Tiberios,
o furacão da Plebe, o açoute dos imperios,
terror dos generaes, dos reis, dos condestaveis.

—Eu sou como Jesus chefe dos miseraveis!...
Depois erguendo ao ceu a sua Penna eterna:
—Vós tendes o *knut*—eu tenho esta lanterna.

Este homem inda que pobre, inda que perseguido,
roto, obscuro, plebeu, humilde, mal vestido,
inda que triste e só no seu isolamento,
ao pé do grande Czar, n'este cruel momento,
inda que pobre e vil, inda que maltrapilho
é tanto como um Deus, e mais do que um seu Filho.

Assim foste tambem, ó Velho solitario!
Assim foste tambem grande pamphletario
que soubeste elevar a eterna Alma do Povo!
Assim foste tambem quando eras puro e novo
e sabias levar á guerra os corações,
quando eras um açoute e o deus das multidões
que vinham em tropel beijar os teus joelhos!
Mas hoje tu o que és—escoria d'entre os velhos
refugo de traidor, ó renegado hostil!
Mas hoje tu o que és, ó lixo impuro e vil!
alma atirada ao estrume, alma aviltada e fraca!...

És o que se vendeu!—Tu és uma cloaca.

III

Ó seculo de ferro! ó geração escrava!
que ouves Satan ladrar na noute do Evangelho,
no teu sollo do Mal, sobre teu sollo em lava,
cae a agua do ceu como n'um poço velho!

Sim a agua do ceu que faz viver a flôr
mal que no poço cae transforma-se na lama!
Ó seculo de ferro, ó seculo de horror,
que fazes tu da Voz, que em teu deserto clama?
Que fazes tu da Voz que ouço passar nos ventos,
prégando a Negação, n'um funebre arrepio,
que ouço clamar na noute em uivos e em lamentos
como um ladrar feroz de ruivo cão sombrio?
Que fazes tu da Voz dos teus prophetas santos
que dão prantos de sangue ás tuas vexações,
e do carro de fogo arrojam os seus mantos
que arrastam á Revolta o mar das multidões?
Que fazes tu? Tu ris! Tu vaes como a rameira
vender teu deus, teu ceu, tua honra ao lupanar.
A Justiça tornou-se em velha alcoviteira.
A Igreja ri na orgia, e Christo deixa o Altar!
O Desespero crú esparge o seu veneno
na taça d'ouro e onyx das jovens illusões.
O Odio faz ouvir o seu terrivel threno.
O Mal com a tenaz aperta os corações!
A virginal Poesia, a virgem d'alvas vestes
ergue aos ceus suas mãos, brancas como o alabastro.
Traz a Lyra na mão vestida de cyprestes.
Seu santo coração flameja como um astro!
Só ella faz ouvir n'um seculo corrupto
sua Lyra de bronze ao temporal da Sorte!
Só ella faz ouvir seu alaúde em luto
que dá notas crueis de Maldição e Morte.
É só ella que empunha o seu chicote em fogo
como o açoute de ferro indomito de Deus,
para açoutar os reis, o falso demagogo,
os biltres charlatães dos reis e dos plebeus.
É só ella que faz na noute secular,
na sua Lyra ouvir—não canticos d'amor—
mas as notas fataes que entornam o luar
da Ira, do Desdem, do Odio e do Rancor.
Achegae-vos a mim, tristes, terriveis Lyras,

que já tendes chorado e que sabeis rugir.
Quero em cordas de bronze os canticos das iras!
É preciso açoutar, decapitar, punir!...
Deixae agora o Amor e as brizas da bonança!
Minae-me o Despotismo esse colosso rhodio!
Pela noute vibrae as notas da Vingança.
Sobre a Lyra cantae os canticos do Odio.

Ó poetas do Amor deixae vossos idyllios,
os atalhos do bosque e a [lua da floresta](#)!
Deixae a musa fresca e simples dos Virgilios,
n'uma éra de sangue inhospita e funesta!
Deixae de nos cantar o Tédio e o Desengano,
as nuvens da montanha e os sinceiraes do val!
porque o mundo talvez espera o seu Tyranno.
A Terra vae parir algum Christo do mal.
Deixae de nos cantar as nuvens da bonança,
e a flor dos laranjaes que o vento faz bulir,
por que em breve já vem a hora da matança
em que a Espada tem voz, e as torres vão cair.
Eu tambem vos cantei, ó cantos langorosos,
ó nuvens da manhã, ó flor da romanzeira,
ó torrentes do val, ó beijos amorosos
da Mulher que se amou n'uma visão primeira!
Tambem já te cantei, estrella do pastor,
ó danças sobre a eira, ó lua das marés.
Mas hoje a minha voz é rouca como a Dôr,
terrivel como a Espada e o tribunal dos Dez.
Abandonei-te ó Amor! Meu rir fez-se tregeito.
Meu pranto fez-se fel, a voz tornou-se berro.
Foragido dos reis, armado do Direito
faço vibrar na Lyra os canticos de ferro.

IV

Pobre mulher sem pão, quando de porta em porta
tendo batido em vão foste á do lupanar,
e ali deixaste a honra e a virgindade morta,
como noiva infeliz que levam a enterrar!
quando foste bater, chagado coração
ás portas soluçando, e que ninguém te abriu,
e o leito do bordel quaes taboas d'um caixão
te sepultou em vida, e teu calor cingiu!
quando tendo sonhado um sonho aureo e
esplendente,
illusões d'uma infanta e os sonhos d'um donzel,
viste tudo findar na enxerga repellente
do teu leito de infamia—o catre do bordel!
Quando tendo elevado ao ceu teus magros braços,
como outr'ora Jesus o fez nas Oliveiras,
só achaste o silencio e o echo dos teus passos,
o riso da cazerna e a noute das rameiras!
quando ó loura mulher no berço excommungada
por um Destino ferreo, inhospito, infeliz,
por tua propria Mãe talvez abandonada,
pobre flor que hão lançado ao pantano a raiz!
Quando foste forçada ás bachanaes rasteiras,
e a despir e a manchar as brancas vestes tuas,
e a deixar teu amor na lama das regueiras,
como os sedentos cães que vão beber nas ruas!
Quando ó filha do Povo, ó pobre filha impura,
que uma mãe não beijou, que um Pae não protegeu,
achaste a Fome vil, velha de boca escura,
n'uma rua infernal, por um chuvoso ceu!
quando ó dahlia da Dôr, planta dos atoleiros,
pobre filha do Povo, exausta, quasi exangue,
tu vaes servir de gaudio á noute dos banqueiros,
sentindo dentro em ti as lagrimas de sangue!
quando ó selvagem flor, ó poça do abandono,

sem lagrimas de Mãe, sem osculos de irmão,
a Fome te obrigou qual magro cão sem dono
a buscar na valleta o teu immundo pão!
Dize sabias já, rainha da enxurrada,
ave que não tens ninho e que empurrou a Fome
que ha entes como tu—raça vil, condemnada,
que vendem seu pudor, que vendem o seu nome?
Dize sabias já, loura infeliz sem pão
que um seductor manchou, ou que uma Mãe vendeu,
que ha quem venda a sua honra, a gloria, o seu
brasão,
sem terem como tu os chascos e o labeu?
Dize sabias já que em quanto vaes na praça
entre um circulo vil de chascos quaes facadas,
elles vão affrontando a multidão que passa,
em gloriosos trens de portas brasonadas?
Dize sabias já, ó branca meretriz,
que aos homens como cães ceddes teu corpo nú,
que ha torpes malandrins, gloria do seu paiz,
mais vis do que os ladrões, mais rameiras que tu?
Tu não sabes talvez, ó lama apedrejada,
por toda a rua hostil, por toda a rua séria,
a distancia que vae dos *outros* ao teu nada.
Ó tres vezes cruel! tres vezes vil Miseria!
Porém eu um rebelde ás Praxes como espadas,
entre a mulher sem pão e os pifios cannibaes,
ó prostitutas vis! [cadellas açoutadas](#)!
Ó rameiras da rua!—eu vos respeito mais.

Velho, escuta, esta voz.—Eu não sei perdoar:
frio como um Destino eu heide-te açoutar
até te ver em sangue os lombos aviltados!
No estrume arrastarei teus louros profanados,
que jazerão no esterco infame das viellas,
onde vagam á lua os ébrios e as cadellas.
Marcarei para exemplo, ao mundo o renegado
que depois de haver rido, haver calumniado
uma Esposa, uma Mãe, um Lar, uma rainha,
—no que ella de mais puro e mais sagrado tinha!—
n'isso que doe cruel, que mais o peito enluta,
depois de lhe chamar a *grande prostituta*
nada achou mais abjecto, e nada achou mais baixo
que ser do filho-rei o humillimo capaxo,
nada achou mais servil, para apagar a offensa,
do que vender a penna e perseguir a Imprensa!
Lodo do Homem vil, ó barro da Paixão,
ó abysmo d'uma alma, ó rei da Creação,
foi Satan que te pôz o diadema escuro!
Pode-se assim sem dó zombar do seu Futuro,
macular para sempre a virginal gloria,
cuspir, manchar, polluir as paginas da Historia,
e envergonhar a campa humilde dos plebeus
que foram os seus paes—e a pobre mãe nos ceus,
matar os louros seus—aviltação eterna!
como um ebrio que morre em chão d'uma taberna?
És tu que fazes isto, ó Alma, ó Alma etherea?
Acaso és tão medonha ó funebre Miseria,
acaso és tão infame, ó magra Messalina,
que obrigas uma alma, essa porção divina,
essa faísca eterna, eterna claridade,
a assassinar sem dó a branca virgindade
do seu passado santo e virgem coração,
e arremessal-o ao mar no fundo d'um caixão?

Acaso ó ouro és tu—tu que nos fazes nobre?
É tão terrível ser—puro, plebeu, e pobre,—

é tão torpe, é tão vil, ser simples mas honrado,
que quer o ouro infernal, que quer o ferreo fado,
que em certo dia vil—dia vil entre os dias,—
se atire uma risada ás santas utopias
ás crenças virginaes da loura Mocidade
á aureola ideal d'aquella santa idade,
e vendam-se os laureis e o Verbo que era o raio,
pela libré d'um servo e a farda de um lacaio?
Não! Não tem remissão este teu crime, ó Velho!
Já que tu foste exemplo, e outrora foste espelho,
o teu crime é mais vil, funesto, escandaloso!
Se tu ficas impune, um dia ou outro, um gozo,
faminto como tu, irá lambar o manto
do Symbolo Real, todo orvalhado em pranto,
e de rastos, no chão, beijar o pó do throno.
Por isso vou marcar-te infame cão sem dono,
e fundir-te com chumbo ao corpo essa colleira.
Vaes ouvir a Justiça—a augusta, a verdadeira,
a terrivel, a eterna, a antiga, a sempre forte,
a que ouve e que vê n'Alma, a que condemna á morte,
com seu dedo de luz no livro do Futuro,
a que arroja á gehenna eterna do monturo,
e que com ferro em braza escreve os tristes fins
dos juizes Caiphás, dos pifios Severins,
e d'outros a quem heide em breve tomar contas!
Vaes ouvir a que pune as lividas affrontas,
a que gela no labio as phrases começadas,
que ha de julgar Thiers de cãs ensanguentadas,
pelas suas crueis, fataes carnificinas,
a que condemna os reis e as tropas assassinas,
a que forma e dirige a Alma Universal.
Entra ó sinistro reu! Abriu-se o tribunal.

A Plebe (levantando os braços, clamando)

Eis aqui, ó Justiça, ó minha Mãe austera,
tua filha infeliz, que traz preza esta fera,
este sinistro Reu que vês acorrentado!
Elle, o vil me trahi, elle é o scelerado
que de mim motejou, como Cham riu do Pai!
Elle era o meu bordão, qualquer soluço ou ai
que abalasse o meu peito, o peito d'esta escrava,
vinha bater no seu. O monstro não ladrava
como hoje ladra hostil aos meus cabellos brancos!
Eil o! elle aqui está!—o rei dos saltimbancos!

A Justiça

Cala um pouco essa dôr. A Plebe grande e rude
deve ser tambem forte assim como a Virtude.
Nem sempre á pena e á dôr o pranto fica bem!

A Plebe

Deixae me soluçar. Eu sou a sua Mãe.

A Justiça (surpreza)

Elle é teu filho, ó Plebe?... Oh deve ser suprema
a injuria que te fez, ou o crime que o algema!
De certo foi bem funda extraordinaria a offensa
bem terrivel, cruel, ensanguentada, intensa,
bem fundo e horrendo o golpe, infame, excepcional
pois que cita uma Mãe seu filho ao tribunal!

A Plebe

Bem grande sim que foi! Escuta a minha pena.
Ouve primeiro, ó Mãe! Depois julga e condena.
Eu sou ha muito a eterna, a grande foragida
que vou de val em val, de mar em mar, varrida
como a Judea antiga, a escrava, pela noute,
chorando por seu Deus, sob o romano açoute.
Meus filhos tambem vão chorando pela estrada.
«Ás vezes diz-me um—Ó minha Mãe amada!
«Já temos caminhado em vão de serra em serra.
«Temos os pés em sangue! Á guerra, ó Mãe, á guerra!
«Não temos vinho e pão! Não temos o sustento!
«Negam-te em toda a parte o abrigo e o acolhimento!
«Não temos luz e lar. Não temos nem vestidos!
«Não temos ar nem sol! Vem aos montes subidos
«olhar como o sol brilha em rútila grandeza!
«Deus tambem para nós formou a Natureza.
«Não é só para um rei, um grande, uma rainha
«que a espiga dá seu pão e pampanos a vinha!
«Eu já sou forte, ó Mãe, eu tenho as mãos grosseiras
«de pegar n'uma enxada e de malhar nas eiras,
«eu quero transformar a minha enxada em lança,
«e tornar teu naufragio, ó Mãe, n'uma bonança!
Ás vezes este filho energico, revel,
é um trigueiro aldeão, chama-se Guilherme Tell,
outras com seu olhar veste os simples e os nus
é plebeu e poeta e chama-se Jesus.
Outras é um açoute, um vento rijo e austero,
é um monge brutal e chama-se Lutherio.
Mas ás vezes tambem, ó lastima vehemente!
falla-me assim, ó Mãe, a bocca da serpente
d'um filho que eu creei aos peitos vigorosos,
com o sangue de heroes de louros victoriosos!
Falla-me em nome, sim, da Colera e da Ira
a bocca da Traição, a bocca da Mentira,

apontando-me além teu sceptro de brilhantes.
Eu levanto-me então assim como os gigantes,
a espada dos heroes empunho sem demora,
e cançada d'andar qual velho boi na nora
da Miséria, da Dor, da Fome, da Abjecção,
prégo a santa Revolta á santa Multidão!
Mas então o servil, o immundo renegado,
vende-se a quem me tem o peito ensanguentado
no lodo da abjecção, no pó do aviltamento!
Fico então outra vez no meu isolamento,
na minha escuridão chorosa, amarga, e séria,
outra vez a puxar na nora da Miséria,
outra vez a roer o pão amargo e escuro,
pela fresta espreitando o dia do Futuro.

Foi assim que este fez, o indigno sacripanta.
Foi assim que cuspiu na minha fronte santa.
Foi assim que escarrou nos meus cabellos brancos.
Foi assim que o villão, chefe dos saltimbancos,
expulsou sua Mãe ao vento da Desgraça.
Foi assim que vendeu a sua Mãe na praça
expulsando-a de casa, em desabrida noute
sob a chuva do ceu, sob a ironia, e o açoute.
Tudo isto o ingrato fez pela servil Cobiça.
Justiça contra o vil!—Justiça, ó Mãe, Justiça!

A Justiça

Miséria, infamia, e dôr! Ó mundanal feitura,
barro do homem vil, indigna creatura
póde-se acaso assim cuspir em sua Mãe!
Póde acaso a Cobiça allucinar alguém
por um pouco de Luxo, um pouco de poeira,
que transforme uma alma ingenua, verdadeira,
um virgem coração, qual pagem branco e louro

que sonha no Ideal em finas torres d'ouro,
a abandonar assim as illusões de gloria,
sua auréola santa, o seu brazão na Historia,
todo o seu Verbo em fogo, assombro da Cidade,
todas as convicções da loura Mocidade,
para atirar tudo isto aos pés da sombra apenas
d'um symbolo real eivado de gangrenas,
e depois sem Amor, sem nada que conforta,
a sua velha Mãe lançar fóra da porta!
Alguem acaso viu o crime infame, enorme?

A Consciencia Humana

Alguem viu, alguem viu! Alguem que nunca dorme,
alguem que sonda o mar e os fundos corações
as insomnias dos reis e os somnos dos leões!
Eu o vi, eu o vi, o grande scelerado
toda a noute escrever, d'olhar allucinado,
pamphletos crueis na sordida trapeira.
Eu o ouvi, eu o ouvi chamar uma *rameira*
e *rainha assassina* á tragica reinante.
Eu o vi, d'olho acceso, indomito, espumante,
prégear a sedição, direitos, regalias,
e erguer a Plebe-Mãe ás santas utopias
que fazem levantar na praça os estandartes!
Eu o vi, eu o vi, queimar os baluartes
do Respeito Real, e as ultimas trincheiras,
agachado na treva assim como as toupeiras,
a minar, a minar, as monarchias vãs!
Depois tambem o vi sobre os reaes divans,
reclinando-se já com um praser secreto,
contemplando os florões dourados pelo tecto,
com um olhar d'abbade ou satyro contente,
exclamar: «Isto é bom!... Sente-se bem a gente
«n'estes almofadins, entre estes reposteiros!

«Gósto d'estes florões, gósto d'estes archeiros,
«que fazem reluzir as suas alabardas!
«Afinal os plebeus precisam—é d'albardas.
«Que querem elles mais? Comer das ucharias,
«beber como uns toneis, vir ás estrebarias,
«e algum dia puxar pelas reaes carroças?...
«Eu nunca fui plebeu! Eu sempre tive as bóssas
«do mando, do poder, do luxo, da opulencia!
«Gósto de ouvir dizer—Saiba Vossa Excellencia
«que o espera á mesa já El-Rei, Nosso Senhor!
«Eu levanto-me então. Como e bebo melhor
«que todo um refeitório inteiro de bernardos.
«Não sou como os plebeus que até devoram cardos,
«negro caldo espartano e sordidas raizes!
«Como melhor que os reis, mais que as imperatrizes!
«Amo o Porto, o Xerez, e os tépidos manjares
«da ucharia dos reis que incensam bem os ares,
«e dilatam-me o ventre ainda mais que a Gloria!
A Gloria é nome vão! Um fumo só na Historia!
«Da gloria não se vive. A Gloria é só chimera.
«El-Rei Ventre é que manda. O ventre não espera.
«Por isso eu tenho um ventre assim como um abbade!
«Eu amo a flor da Carne e a loura mocidade,
«as faces de setim das bellas camareiras!
«Eu amo estes divans, eu amo estas roseiras
«entre plantas ideaes, extranhas, fabulosas,
«que me fazem sonhar noutes voluptuosas
«como um luar d'amor entre jasmins do Cabo.

«Ah! como ha de ser bom morrer como um nababo,
«apertando entre as mãos as fórmãs femininas,
«rosadas, juvenis, pallidas, alabastrinas,
«d'uma mulher ideal que nos concede tudo,
«semi núa, a sorrir, n'um leito de velludo!...»

Eu o ouvi, eu o ouvi, fria Justiça austera!—
Aqui tens, ante ti, a encanecida fera,

que tanta vez ladrou contra os brasões reaes!
Aqui tens, ó Justiça, a escoria dos seus Paes,
a bocca da Traição, a bocca da Mentira,
a penna tinta em fel que semeou a Ira,
o Despreso, a Revolta, a Colera, o Desdem!

Aqui tens quem cuspiu na Plebe sua Mãe.

A Justiça

Ha alguém que defenda o livido accusado?
Ha alguém que erga um braço, um braço immaculado,
que não se tenha nunca achado em morticínios,
um braço recto e bom, puro dos assassinios,
derramados no chão dos campos inda quentes,
que não tenha contra elle a voz dos innocentes,
nem erga contra si a voz dos opprimidos,
ha alguém que erga um braço ao ceu dos
perseguidos,
cheio de convicção ao meu terrivel ceu?
Ha alguém que erga um braço, um braço a pró do
Reu?

A Ordem (erguendo o braço)

Suspende-te, ó Justiça! Eu ergo a ti meu braço!
Este reu que aqui vês não é um vil devasso,
um baixo salteador d'estradas e caminhos!
Eu vou provar que elle é mais puro que os arminhos.
Vou demonstrar que elle é mais santo que as estrellas,
mais alvo e virginal que as onze mil donzellas!
Provarei, ó Justiça, até á saciedade,
que este reu até tem cheiro de santidade!

A Plebe sua mãe é uma velha escrava,
tonta, hereje, demente, em cujo sangue ha lava
«de guerra e sedição contra as instituições!
«Ella é que faz que El-Rei não durma em seus colxões
«o somno da Innocencia o somno bom do Justo,
«e que até, grandes ceus! faça o seu chylo a custo!
«Ella é que faz que a Industria erre paralysada,
«que o Commercio não durma e a Ordem transtornada
«mande aos seus generaes, chefes, ou coroneis,
«que toda a tropa fique em armas nos quarteis.
«Ella é que impede e trava a roda Progresso!
«Que dique lhe hei de oppôr?—Brado como um
posseço:
«Vinde cá Jonh Bull, Iberia, bons guerreiros,
«fuzilae-me sem dó a horda de desordeiros
«que querem supprimir a gothica realesa!
«Enforcae-me quem cante a indigna *Marselhesa*,
«e clame mais do que eu as livres crenças suas!
«Encarcerae, prendeí quem erga a voz nas ruas,
«ou que ande a passear nas praças sem licença!
«Levantae uma forza enorme para a Imprensa.
«Ordenae, decretae, lavrae prisões secretas.
«Guiiae-vos por Platão—lançae fóra os poetas
«que são os mais reveis, fataes agitadores.
«Guiiae-vos por Platão—Nem sempre cantam flores!
«Tambem sabem cantar as notas de batalha,
fortes como os clarins, rijas como a metralha,
«e quando a Indignação a sua Musa inspira
«não ha bronze que valha o bronze d'essa Lyra!
«No emtanto não pareis!—Nada de transigencias!
«Relaixae, corrompei, compraes as consciencias,
«tudo que se vender como quem vende um trapo!
«Da Lei faze leilão, e da policia um sapo.
«E sobre tudo emfim sem trégoas nem piedade
«ponde a saque e a terror as ruas da cidade
«para prender sem dó a infame biltraria,
«d'essa cafila vil da vã demagogia,

«d'essa corja da Plebe hostil, extraordinaria,
que inda pede mais pão, mais instrucção primaria!

Ora tudo isto fez—eu juro-o pelo Ceu!
para salvar a patria este sublime Reu.

Tambem, Justiça, ouvi n'este immortal litigio
que n'outro tempo o Reu poz o barrete phrigio.

Oh doudas illusões da douda Mocidade!
Quem póde erguer seu braço, o braço sem piedade,
contra o triste Ancião cheio de desenganos
que amou, cantou, gemeu na lyra dos vinte annos!
Quem póde erguer a voz, ferrea como os destinos,
contra quem soluçou ouvindo os Girondinos,
e a sua alma librou nos cantos dos Prophetas
n'esses cantos de bronzes!—As almas dos Poetas
fazem desabrochar os batalhões da terra!
Na primavera em flor os peitos pedem guerra,
aventuras, amor, cabeças de tyrannos!
Mas depois vem a Fome! ah! vem os desenganos,
Miseria, Frio, a Dôr, o tragico Abandono,
vem a Insidia, a Calumnia, as tentações do Throno,
vem os dias sem sol, sorrisos, crenças, flores,
vem os filhos sem pão, vão-se indo os desertores
deixando em torno a nós o vacuo e o isolamento!
—Então ao craneo diz a aguia do Pensamento:
«Por quem foi que eu luctei? Por quem fui eu um forte,
«e o peito despi nú aos turbilhões da Sorte?
«Por quem quebrei, venci, queimei os baluartes,
desdobrando na praça, á Plebe, os estandartes
«comendo o negro pão nos solos estrangeiros?
«Onde estaes, onde estaes, meus velhos
companheiros,
«com os quaes eu clamei no val e na montanha,
«cheio d'ancia, desdem, de ardor, e d'ira extranha,
«prégando o Verbo Novo ás multidões sagradas?

«Por quem fiz eu da penna o exemplo das espadas?
Por quem combati eu, rubro, sanguinolento?
Foi por ti Solidão? Por ti Esquecimento?
Por ti Ingratidão? Por ti frio Abandono?

Então n'aquella noute arida, má, sem somno,
escuta-se uma voz, que vem como a rajada,
no vacuo e solidão da fria agua furtada,
que grita em alta voz—Combateste por mim?

Quem és tu? Quem és tu? Quem é que falla assim?
—Mas fica muda a voz. Cala-se e não responde.
O pensador então vae ver onde se esconde
quem lhe dá um tremor indomito, suspeito,
como nunca sentiu no antro do seu peito.
Quer ver o extranho ser, aquella voz interna.
Mas cheio de terror, á livida lanterna,
n'um tragico arrepio, á luz baça e funérea,
—vê sentada em seu lar a furia da Miséria!

A Justiça

Ó Ordem acabaste?

A Ordem

Eu acabei, Justiça!

A Justiça

Quem é que quer entrar por sua vez na liça,
e á Ordem refutar o que ella diz do Reu?

Os Perseguidos

Somos nós, somos nós, que as nossas mãos ao ceu
erguemos muita vez nos asperos caminhos?

Somos nós que hemos visto o sangue dos espinhos
do abysmo nos caireis, nos tragicos atalhos!

Somos nós, os fieis, os homens dos trabalhos,
levados atravez d'um turbilhão maldito,
como errou Ismael, como o judeu proscripto
queimado pelo sol vermelho das legendas.

Somos nós, somos nós, que errámos sob as tendas
do excommungado Cham na treva e no abandono,
ao destino, aos vaivens, qual folha vil do outomno
que depois de gyrar do furacão á toa
vae rebolar do azul no lodo da lagôa.

Somos nós os fieis que nunca vacillámos,
os bronzeos corações que nunca trepidamos
ante os rostos dos reis e ante as espadas nuas!

Somos nós que ao relento, á chuva, ao gelo, ás luas
das solidões austraes, nos carceres, nas minas,
lavrámos contra os reis, com os punhaes, as sinas
sem quebrar os fataes, terriveis juramentos!

Somos nós que hemos visto a Fome, a Sede, e os
ventos

do exilio arrebatat os filhos degredados,
as esposas e as mães violadas dos soldados,
nossos pobres irmãos rasgados sob o açoute!

Somos nós, os fieis, os batalhões da Noute,
que contra o ferreo, hostile Destino triumphante,
temos o *Odio-Amor*, feito d'um só brilhante.

A Justiça

Agora ergue-te, ó Reu, d'esse sinistro banco!
Alça a fronte ante mim. Faze teu olhar franco.
Responde justo e bem, sem ira, com clareza.
Manda ao teu coração dictar tua defeza!
E se acaso és um Justo, indigno d'essas dôres,
ergue-te, ó Reu! Fulmina os teus accusadores!

O Reu

Eu nunca fui da Plebe! Eu não sou filho d'ella!
Eu não sei o que ladra a rábida cadella
contra mim amostrando os assassinos dentes!
Não sei quem ella é. Não tenho taes parentes.
Não sei por que me cita a ladra ao tribunal.
Eu jamais perturbei a Ordem social.
Eu jamais sublevei as ondas populares!
Nunca, nunca, ataquei a paz santa dos lares,
e a honra ensanguentei d'uma leal Rainha!
Não fui eu que arranquei a espada da bainha.
Não fui eu que açoutei as santas dynastias,
ao chicote infernal dos chascos e ironias,
que sibilam no ar qual feixe de serpentes...
Jamais calumniei...

O Espectro (surgindo, terrível)

Mentes, ó Velho! Mentes!
Mentes, velho histrião d'um throno gasto e ôco!
Mentes homem venal, mentes despota louco!
Mentes servil plebeu, indigno latrinario!

Tu foste n'outro tempo o irado pamphletario
de pamphletos crueis na sordida trapeira!
Não negues que chamaste, outrora, uma *rameira*
á mãe do teu Senhor, á mãe de El-Rei teu amo!
Não negues que chamaste um bom *veado, um gamo*
de silvestre armadura, e flórida ramagem
ao Pae do teu Senhor que tem tua homenagem!
Não negues ante mim que sou o teu Espectro
que apedrejaste o throno e enlameaste o sceptro!
Não negues que eu te vi na fria agua furtada
levantando o Direito, ou revoltando a Espada,
tendo acceso no olhar o sol da Indignação!...
Não negues, ó Caim, que assassinaste o irmão.
Não negues ter as mãos d'aquelle sangue quentes
Não negues que nasceste assim como as serpentes,
e como ellas rasgaste o ventre a tua Mãe!...
Não negues ser plebeu, não negues com desdem
tua origem plebea, a tua Mãe escrava,
nem negues, craneo vão, ter tido a santa lava
do Ideal, da Fé, do Justo, e do Direito!
Eu sou o teu Espectro, á mesa, ou no teu leito!...
Eu sou o que te sondo os mais occultos passos.
Onde quer que tu estás encontras os meus braços!
Onde quer que tu vás—vês o meu duro olhar!
Eu fui teu companheiro. Andei a revoltar,
e a revolver contigo o lodo das paixões!
Sou o cumplice teu nas velhas sedições,
e ambos temos as mãos de sangue maculadas
de ter á nossa voz feito arrancar espadas,
e gottejar na rua o sangue do plebeu!
Aquelle sangue grita, ah! contra nós, ao ceu!
Aquelle sangue brada e clama contra ti!
Vejo sempre esse sangue, eu vejo-o sempre ali,
jorrando aos borbotões, em grandes cachoeiras,
inundando a calçada e a lama das regueiras!
Vejo o sangue fiel dos filhos da gentilha,
rudes heroes plebeus, levados á batalha,

pela luz do teu Verbo, e pela espada nua,
correndo em borbotões nos boqueirões da rua,
despenhando-se ao sol na vasa das valletas!
D'esse sangue plebeu rompem vozes secretas,
cubrimdo os ais do mundo, os gritos, os lamentos,
como o carro de Deus e os espiritos dos ventos,
gritando contra nós estranhas ameaças!
E o sangue plebeu diz:—Em quanto sobre as praças,
«corria ao rubro só das luctas fratricidas,
«quando a Espada gritava e que ceifava as vidas,
«e abraçados, ao sol, morriam os valentes,
«quando os peitos plebeus e os corações dos crentes
«erguiam para o ceu, para o vermelho espaço,
«juntamente ao seu Odio o vingativo braço,
«mal sabia eu então que tu que me levavas
«á lucta, á guerra, ao ideal das gerações escravas,
«me havias renegar, infame! com desdouro,
«e, ai de mim! ai de ti! trahir-me pelo ouro!

«Maldição sobre ti, que com as impias mãos,
«sujas do sangue quente inda de teus irmãos
«dos guerreiros plebeus, dos corações dos bravos
«que quizeram morrer para não ser escravos,
«que tentando egualar os campeões das lendas
«foram morrer ao sol heroico das contendadas,
«ousaste inda pegar na penna então sagrada
«para a entregar ao rei, como vencida espada,
«para escrever servis, ignobeis sacrilegios,
«—e com ellas manchar os reposteiros régios!

«Maldição sobre ti, Velho! que atraçoaste
«a historia dos teus Paes, e sobre mim galgaste
«para chegar do Throno aos tragicos degraus!
«Has de ouvir minha voz no meio dos saraus,
«no meio das gentis duquezas decotadas
«das camelias da Carne ás luzes desbotadas
«quaes rosas de Saron aos gélicos luars;

«has de ouvir minha voz no meio dos jantares
«no fundo do teu sonho, em meio dos festins,
«entre o tinir do copo, os cantos dos setins,
«nos carros com braços, de flexíveis molas,
«entre o [gemer da flauta](#) e os cantos das violas!
«Has de ouvir minha voz preche de vituperios
«perseguido-te até da treva nos mysterios,
«chamando contra ti na voz de teus irmãos,
«quando o teu labio abjecto oscule as régias mãos,
«e a mão tinta de sangue ensanguentar a Corôa!
«Eu serei, ó traidor, o cancro que te rói
«o dente que te morda, o espinho que te fira,
«o escalpello que te abra assim como quem vira
«á luz limpa do Sol uma bexiga cheia,
«a lanceta que te abra a mais secreta veia,
«o pôtro que te dê o mais horrivel trato,
«o ferro em braza, o açoute, o caustico, o nitrato.

«Nunca te deixarei sem trégoa e sem abrigo!...
«Nem nos paços reaes, nem mesmo a sós contigo
«nem nos uivos da festa, os hymnos do Respeito,
«nem na sombra do sonho e a noute do teu leito
«nem mesmo sobre a terra, inanimado, exangue!
«Ha sangue em tuas mãos—em teus vestidos sangue!
«O sangue é que te lança a sua maldição.

O Reu (caindo no banco, aterrado)

Sempre o Espectro cruel, sempre a eterna visão!

A Justiça

Condemnou-te o teu grito infindo de terror!
Confessaste a Traição!—Trahiste-te traidor!
Eis-te ahi sobre o banco abjecto, confundido!
De nada te valeu ser cynico e atrevido.
De nada te serviu a tua astucia e arte...

Agora erguei-vos, vós, Justos de toda a parte,
sublimes corações que nunca transigistes!
Agora erguei-vos vós Justos, Fortes, e Tristes,
que tendes amassado o vosso pão com pranto!
Agora erguei-vos vós guerreiros do que é santo
mineiros do que é Vil, pedreiros do que é Forte,
ferreiros que forjaes as armas contra a morte,
sobre a bronzea bigorna eterna da Virtude!
Agora erguei-vos, vós, homens do campo rude
que atiraes vossa enxada ao solo da Justiça,
erguei-vos todos vós, fortes que andaes na liça,
cirurgiões do Bem que heruaes vossa lanceta,
pedreiros que aluis o mundo á picareta,
carpinteiros que andaes serrando com a serra,
erguei-vos todos vós, Simples, qne fazeis guerra
a toda esta ruina, esta agonia immensa,
e acercae-vos a mim—ouvi minha sentença:

Já que, ó Velho, trahiste as convicções primeiras,
e enxotaste uma Mãe assim como as rameiras
da qual se esquece o nome ao limiar da porta,
já que atiraste á vala a tua honra morta,
e atraçoaste a Plebe a que te trouxe ao peito,
de que hão bebido o leite os homens do Direito;
já que excitaste á guerra e á lucta teus irmãos,
e no sangue plebeu tintas ainda as mãos
foste vender-te ao rei a que insultaste a Mãe...
eu lanço-te ao exterminio, á colera, ao desdem
de todo o homem de bem, de todo o homem honrado!
Toma lá a blusa infame do forçado.
Vou-te marcar na testa um grande R gigante,

feito com minha espada em brasa flammejante,
que a todo o mundo inspire—ódio, nojo e terror.

Vaes agora girar nas espiraes da Dôr,
vaes agora girar nas espiraes do Inferno,
que o Dante assignalou com seu buril eterno
na viagem que fez á tragica cidade.
Vaes agora pisar as ruas da Anciedade,
subir a vil calçada amarga do Despreso.
Desde hoje és um forçado, um criminoso, um preso,
que tens com ferro em brasa um R sobre a testa,
cuja vista faz asco e cujo bafo empesta,
—contra o qual, ao passar, todas as mãos honradas
vão arrancar, uivando, as pedras das calçadas!
Como outr'ora Cain com seu signal maldito,
tu vaes errar na Historia, ó vil, de sambenito,
mettendo assombro e horror a quem te vir passar.
O Espectro é teu algoz—o que ha de acompanhar
teus passos junto ao poste, o escuro cadafalso,
curvado, abjecto, vil, a pé, preso, descalço,
cheio de lama, esterco, apupos, irrisões,
entre as vaías da Plebe, escarneos, maldições
de todo um povo hostil que sobre ti esgarra.
Ali tendo vestida a sordida samarra,
tendo na testa o infame e caustico signal,
—eu condemno o teu nome á pena capital.

(grava-lhe na fronte um R com a espada)

Primeiro Perseguido (levantando um braço)

Maldito sejas tu—que tens escravizado
aquillo que ha de eterno, augusto, de sagrado,
a Alma, o Verbo, a Penna, a Consciencia Humana!
Maldito sejas tu, que arguiste uma tyranna,

e has sido, contra nós, tyranno inda maior!
Maldito sejas tu, refugo de traidor!
que a nossa execração te siga em toda a parte,
que o Despreso desdobre em ti seu estandarte,
e te acorrente a Dôr qual velho boi na nóra,
que o Remorso te pique e fira como a espora,
e a Vingança te siga os passos pelo escuro!...

Segundo Perseguido

Maldito sejas tu, agora e no Futuro!
Maldito sejas tu nas bagas do teu pranto!
Maldito sejas tu em tudo que fôr santo,
no fundo do teu copo, á sombra até no estio!...

Terceiro Perseguido

Maldito sejas tu, á chuva, ao vento, ao frio,
no teu caminho escuro e cheio de terrores!
Maldito sejas tu na Primavera em flores,
no entardecer do Outomno ou no luar d'inverno!
Maldito sejas tu na Terra ou no Inferno!
Que a execração do mundo echoe aos teus ouvidos!
Que os abysmos da Dôr se encham de teus gemidos,
e a Eternidade perca a conta dos teus prantos!...

A Plebe (lançando-lhe o veu negro dos condemnados á morte)

Eu Plebe tua mãe que aos lacteos peitos santos
te alimentei do leite altivo dos heroes,
eu que a fronte te alcei á luz branca dos soes,

e te metti na mão a espada da batalha,
eu lanço-te este veu assim como a mortalha,
ultimo e vil lençol da tua negra gloria!
Para sempre terás a maldição da Historia,
o desprezo do mundo, a execração geral,
e já que me has negado, ó filho desleal,
e has seguido o infamante e tenebroso trilho,
eu nego-te tambem! Tu já não és meu filho!
Já não és meu amor, minha affeição mais terna.
És o que tens meu odio e excommunhão eterna,
a quem lanço este veu de condemnado á morte,

(repellido-o de si)

Vae, segue para sempre a tua infame sorte!
Vae, segue pelo escuro a tua horrenda estrada!
Que a minha Indignação te fira como a Espada!
Que o meu Rancor se torne em tenebroso muro!...

O Espectro (empurrando o Reu)

A caminho! A caminho!—Á Forca do Futuro.

VI

Acabaste d'ouvir a letra da sentença.
Talvez que ó dictador, perseguidor da Imprensa,
te cause pouco abalo esta sentença augusta!
Talvez te cause riso e clames não ser justa
a ira que sacode as cordas d'uma Lyra.

Talvez velho frascario e lingua de Mentira
chames ao verso fumo, a tudo vãs ficções!
Não! A Lyra é de bronze! As novas gerações
os homens d'ámanhã, os proximos vindouros
hão de ver n'essa frente, em vez dos verdes louros,
pela noute da Historia esse R flammegante!
Elles dirão então—Acaso foi o Dante
que te marcou na testa esse signal soturno!
Quem foi o vingador, o látego nocturno
que na frente te abriu a inicial horrenda?

E tu deves dizer:—Na minha ignobil senda
não foi o Dante, não, que eu vi cheio de susto!
Não foi tão grande heroe, mas foi um homem justo
que não quiz em mim só vibrar o açoute amaro!
Como outrora Molière, em seu eterno *Avaro*,
que gravou com buril um lutulento vicio,
elle quiz castigar em mim o vil flagicio
d'esse cancro gentil, moderno, escandaloso,
que faz d'um ente humano um cão servil, um gozo,
salafrario venal, baixo arlequim de feira,
rasgando a cada passo a tela da bandeira,
e fugindo a alistar-se em legião contraria;
quiz vergastar sem dó a moda latrinaria
d'esse abuso gentil, galante, deleterio,
—d'hontem ser contra o Rei—hoje ir ao ministerio,
o costume chinfrim, o ignobil privilegio,
—d'hontem ser petroleiro—hoje um capaxo régio!

Um homem nada é. É simples grão d'areia
nos abysmos da Vida ou nas regiões da Idea.
Mas o Principio é tudo! É força alimentar
na Consciencia Humana, alerta, sem cessar,
o castigo do Mal, essa noção sagrada,
terrível como a Adão do seraphim a espada.

Ah! tu julgas acaso, ó dictador de gesso,

que tu podes travar a roda do Progresso,
encarcerando a Imprensa, á qual tu deves tudo?
Ah! tu crês, n'um signal, tornar o Verbo mudo,
e que todo o trabalho excepcional das Raças,
todo o calor do Genio, as guerras, as desgraças,
industrias, invenções, tudo isto que o Ceu cobre,
tudo que Fausto sonha e Galileu descobre,
todas as leis dos soes, Systemas e Theorias,
—vão findar de repente, ás tuas portarias?

Acaso crês que todo o labutar eterno
do Homem sobre o sólo, a melhorar o inferno
dos seus instinctos vis, das suas privações,
em guerra aberta ao mar, aos ventos, aos vulcões,
ao Infinito, ao Finito, á Besta, ás más paixões,
á Terra amarga e dura, á Treva, ao Inconsciente,
todo esse fermentar energico, vehemente,
toda a rebellião extraordinaria, séria,
do Diabo com Deus, da Alma com a Materia,
toda a guerra feroz, eterna contra o Abuso,
o scismar do que achou, primeiro, o Parafuso,
o cerebro do que achou o Esquadrio e o Camartello,
o que inventou a Lyra e cinzelou o Bello,
o que ergueu sobre a praça o primitivo Arco,
o que accende a Caldeira e o que arrojou o Barco
aos abysmos do mar com a primeira Vella,
o que arredonda a Ogiva e rasga uma Janella,
o que inventa o Vapor, esbofeteia [a onda](#),
o que descobre a Roda; o que inventou a Sonda,
o que quiz ver os soes e inventa o Telescopio,
o que quiz ver o insecto e achou o Microscopio,
o que contorna o acantho em torno ao Capitel,
o que constroe a Estatua, a Valvula, o Cinzel,
a Columna, o Timão, o Escopro, mais a Serra,
o que forja as crueis armas brancas da guerra,
Newton que descobriu o gravitar dos astros,
Phidias, ao qual ninguem nunca seguiu os rastros,

Humboldt, o que correu todo o Cosmos inteiro,
Rouget de Lisle o auctor do eterno hymno guerreiro,
Le Verrier que ao Ceu deu mais outro planeta,
Orpheu que fez a Lyra e Kempis velho asceta
que em sua cella agita a mystica alma humana;
o que descobre o Fogo, o auctor do Ramayana,
n'aquella India mãe de gerações guerreiras
onde erram os fakirs á sombra das palmeiras,
n'esse Oriente pae dos deuses indistinctos
onde Jesus scismou perto dos therebinthos;
tu crês que esse animal das primitivas éras
que o Lume descobriu para assustar as feras,
o que fez a primeira e tepida Cabana,
o auctor da velha Mó, do engenho, da Roldana,
da primeira Charrua e do primeiro Arado,
Juvenal que varou Roma de lado a lado
com suas corrupções, crimes, e vãos delirios
como a vã liturgia extranha dos Assyrios;
Platão que ergueu á Alma um templo todo d'ouro
maior que Nero tinha e que era o seu thesouro;
Durer esse pintor extranho, mysterioso,
que achou no Pantheismo o mais infindo goso,
e na tela onde pinta as folhas e as verduras,
entre os ramos desenha extranhas creaturas,
como monges fataes minados pela *acédia*
que dão todo o terror da alma da Edade Media;
Cervantes, o cruel, que faz errar a trote
toda a alma do Sul que encerra em D. Quichote,
[emquanto](#) o Fausto sonha em virgens de balladas,
e o abbade Rabelais se ri ás gargalhadas;
Euclides que decreta as leis da Geometria,
a Chaldea que ao Ceu arranca a Astronomia
e em torres collossaes, á luz das noutes bellas,
traça o grande roteiro eterno das estrellas;
Goethe que se fundiu na alma da Natureza,
que cantou o Diabo e a lenda da Bellesa,
a insomnia da Sciencia, a lampada do Estudo;

Goya que fez do mundo um soluçante Entrudo
de mendigos, truões, abbades, estudantes;
Rembrandt esse senhor das trevas flammejantes,
Juvenal que esgarrou na Venus Meretriz,
Boudha sereno mestre, indú, grave, feliz,
prégando um culto novo entre o feroz gentio;
o que inventa o Compasso, o Leme do navio,
o que accendeu a Forja, inventa a Picareta,
o que primeiro aguça a ponta da Lanceta,
Vico, o que abre á Sciencia enormes horisontes
Cook que encontra ceus, reinos, terras e montes,
Dante, o rei do Terror do Inferno nas vertigens,
Lamark que descobre as animaes origens,
Aretino que açouta os reis como lacaios,
Fulton que acha o vapor, Franklin o pára-raios,
Camões que salva um livro e a sua eterna gloria,
Thierry o que cegou a trabalhar na Historia,
Espronceda que canta o hymno da *Miseria*,
Bukner o santo atheu da Força e da Materia,
Moysés que fórma um povo, Isocrates, Isaías,
Strauss o que anniquilla a lenda do Messias,
Menuisier que sonda o mundo pequenino,
Miguel Angelo ancião, o Raphael d'Urbino,
Tacito e o seu rancor contra o romano solio,
Van-Eych o que descobre e acha a pintura a oleo,
Kant que abre á Rasão uma moderna estrada,
Koerner que faz o hymno e o cantico da Espada,
Darwin o que descobre ao mundo absorto e opaco
ser Deus uma theoria e o Homem um macaco;
Krishna o que prégou nas regiões da Idéa
o mesmo que Jesus nos montes da Judéa;
Zoroastro que elevou as almas para o Sol,
Shelley que é um atheu, Petrarcha um rouxinol,
Ary Sheffer que pinta a lenda dolorida
do riso do Diabo e a dôr de Margarida;
Hegel que assenta a Idea em throno de brilhantes,
Fitch que os homens torna aos deuses semelhantes,

Milton que vê no Ceu, Dante que vê no escuro,
Haekel que vê no mar, S. João sobre o Futuro,
Pascal que estuda a Causa e Cuvier o Efeito,
Voltaire o que assassina em cheio o Preconceito,
Proudhon o que acutila a gorda Ordem nédia,
Werner que deu mais sangue ao peito da Tragedia,
d'Alembert que povôa os mundos estrellados,
Lao-Tseu que canta os canticos sagrados,
Berlioz que inventou a musica do Abysmo,
o que achou o Alfabeto e a chave do Algarismo,
o que fez a Atafona, o que inventou o Malho,
toda essa lenda eterna e escura do Trabalho,
todo esse bom clarão que a santa Lyra entorna,
todo o fogo da Forja, os urros da Bigorna,
os silvos da Caldeira, a Roda do Progresso
crês que isto—ao gesto teu—ameaça retrocesso,
e tudo volta atraz, cheio d'horror e medo
do dedo indicador do general Macedo,
ou então dos dragões dos regios pergaminhos:
—Hintze, *o que não ri*, e o Arrobas tres pontinhos...?
Desillude-te, ó Velho! O mundo não recúa.
A Historia ha de varrer teu nome para a rua,
como uma velha o lixo immundo na calçada.
Tu é que morrerás, tu, ó bexiga inchada
de colera, de fel, d'orgulho, de vaidade,
que eu despejei na rua, á luz da Sociedade,
como quem lança o lixo ao pateo d'um saguão.
Desengana-te ó Velho. Os reis em breve irão
curvados e servis, quaes rotos saltimbancos,
mostrar de feira em feira os seus cabellos brancos,
agitando a maroma em vez do regio sceptro.
E tu ó Velho irás tambem com teu Espectro
n'esse caminho inglorio e tragico tambem,
que se chama o Abandono, o caustico Desdem,
de tudo isto que forma a Opinião Geral.
Mas o mundo, esse não! No gyro universal
que traça em torno ao Sol com as demais espheras,

verá encanecer as legiões das Eras,
antes que role e volva ás regiões do Abysmo.
Procura sempre a Luz. Eterno magnetismo
o attrahe sem cessar áquella claridade,
como procura a Alma a luz só da Verdade,
e na ordem moral, como umas verdes palmas,
estendem sempre as mãos as supplicantes Almas
pedindo em côro ao ceu—mais luz, inda mais luz!...
Agora, ó Velho, emfim que te cravei na cruz
da Ira e do Sarcasmo e te preguei os braços
no lenho do Despreso em meio dos devassos,
tu pódes continuar a tua erronea senda!
Segue o exemplo dos reis—manda-nos pôr á venda.
Torna mais dura e amarga a lenda da Miséria.
Faze contractos vis para formar a Iberia
debaixo de dous reis, n'um succulento almoço.
Arroja o teu pudor, se acaso resta, a um poço.
Lança o resto da honra ao nada da voragem.
Erige a Força em Lei, e a Ordem em carnagem.
Manda erguer uma forza e um poste a cada esquina.
Faze armar para o Povo o aço da Guilhotina.
Manda fallar, rugir, as bocas dos canhões.
Atulha, a abarrota, os ventres das prisões.
Dá que comer á Valla e á boca da Enxovia.
Senta a fome no Lar, o luto na Alegria.
Torna inda mais crueis os ais que nos consommem.

Mas treme do Futuro!—Ouviste a voz d'um homem.

FIM

NOTA

Á hora de se imprimir a ultima folha d'esta publicação o velho presidente do ministerio, o homem de quem aqui nos occupámos, renegado das suas convicções d'outrora, o perseguidor da imprensa, pela qual se elevou, de que é decano e presidente honorario pediu a sua demissão, não tendo o pejo de recuar perante o parlamento, ao qual teria que dar contas. Mas nem por isso a sua responsabilidade fica menos grave, nem menos attenuada. A sua sentença já lhe foi lavrada pela Opinião Publica, e na Historia, aonde o seu nome fica lutuosamente escripto. O homem que escreveu que antes queria *imprensa anarchica que imprensa perseguida*, e é depois de Costa Cabral, (tão incisivamente atacado por elle,) o unico que se atreveu a reviver as perseguições e as vindictas, fica vergonhosamente vinculado,—e tanto mais vergonhosamente que foi e é um jornalista!...

Comtudo por elle fugir perante o Parlamento, nem por isso se deve eximir ao castigo. É preciso que a responsabilidade ministerial não seja uma vã palavra. Se não existe a responsabilidade regia, se não existe de facto a responsabilidade ministerial, é força que estes senhores o confessem francamente:—a Constituição é uma farça! Se ainda persistem em proclamar que o não é, façam que sejam julgados os seus ministros demittidos! Nós pedimos que elles se sentem nos bancos dos reus. O povo que o peça tambem comnosco, os nossos tribunos que o peçam nos comicios, toda a imprensa da opposição que brade para que os julgamentos dos tribunaes não sejam apenas para os adversarios ou para os miseraveis e gatunos: mas que sejam tambem para os grandes salafrarios constitucionaes.

O auctor d'estas linhas pede tambem o seu julgamento. Ha já tempo que teem capciosamente sobre elle um processo em aberto, como a espada de Damocles, que o priva dos seus direitos civis e politicos, e o impede de ser eleito pelo povo para alguma missão de confiança

popular. É um excellent e perfido meio constitucional para affastar um adversario!—mas muito conhecido nos arsenaes politicos. É uma espada velha e enferrujada do tempo de Carlos Magno, mas que ainda dá bons botes!

No entanto o julgamento, dos ministros demittidos não se fará:— pelo menos no tempo da Monarchia. Ao inverso do ministerio Saint Hilaire, que não fugiu á responsabilidade em face do Parlamento francez, o governo portuguez demittido não se peja de fugir a ella. São de tal forma as engrenagens do systema constitucional que as maiores arbitrariedades se commettem e se perpetram, ficando na impunidade, na sombra do esquecimento, ou na velha alcofa d'essa trapeira que se chama *Politica*. Fallamos da politica monarchica. Mas é força que as cousas não continuem no mesmo pé! É preciso que á mingua da Lei juridica, se erga a Lei da Consciencia Humana! Que a cada attentado corresponda um castigo, que a cada perversidade corresponda um ferro em brasa, que a cada abominação corresponda uma guilhotina moral! A espada d'essa lei moral devem vibrar a Opinião Publica a Historia, o jornalismo, os poetas, os homens justos, os homens de consciencia lavada. Que todos elles repillam de si estes forasteiros, esses safardanas pulhas que especulam ha 50 annos com a Constituição, como especullaram com as bullas, no tempo de Leão X, e com agua de Lourdes no tempo de Pio IX. Que elles fiquem certos que os seus crimes não esquecem! Que elles fiquem scientes que as suas arbitrariedades não ficarão na sombra! Ha quem vela, e quem registra. É a Historia. Ha quem se indigna e quem decapita. É a Poesia.

É para isso que [se escreveu](#) este pamphleto.

Lista de erros corrigidos

Aqui encontram-se listados todos os erros encontrados e corrigidos:

	Original		Correcção
#pág. 7	ensanguenta	...	ensanguentada*
#pág. 10	ás raizes	...	as raizes*
#pág. 15	phamphletario	...	pamphletario
#pág. 16	a chuva	...	á chuva
#pág. 23	lua das florestas	...	lua da floresta*
#pág. 27	cadellas acoutadas	...	cadellas açoutadas*
#pág. 48	pelo luz	...	pela luz
#pág. 48	s bre	...	sobre
#pág. 49	gemer das flautas	...	gemer da flauta*
#pág. 60	aonda	...	a onda
#pág. 61	emq anto	...	emquanto
#pág. 67	sa escreveu	...	se escreveu

* correcções feitas com base na errata do próprio livro.

Os nomes próprios foram mantidos tal como foram impressos.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O RENEGADO
A ANTÓNIO RODRIGUES SAMPAIO ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this

agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form,

including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.

- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL,

PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b)

alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the

widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.